

educação

OS SONHOS, OS DESAFIOS E AS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS DE PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA EM ONCOLOGIA

Investimento para a vida

A proximidade com o final do ano, além das decorações natalinas, traz um ar de renovação para dentro dos hospitais que oferecem programas de residência. Alguns alunos estão prestes a concluir um ciclo e buscar novos caminhos, enquanto outros se preparam para as provas de seleção cheios de esperança de ingressar em um programa para aperfeiçoar seus conhecimentos na área escolhida. A residência é um método de treinamento reconhecido no mundo todo como a melhor forma de capacitar profissionais de saúde para o exercício de suas atividades de maneira responsável e com qualidade. A decisão de ingressar num desses programas traz, como quase tudo, bônus e ônus. Apesar das dificuldades, a maioria dos que passam pela experiência acaba apurando um saldo positivo.

Ter feito residência em Clínica Médica é pré-requisito para ingresso nos programas de Oncologia Clínica. Assim, no início de novembro, Gabriel Werberich, residente de Clínica Médica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), preparava-se para a seleção para a residência em Oncologia Clínica do INCA. Calmo, mas concentrado nos estudos, Gabriel comentava que conciliar o segundo ano de residência no Hospital Universitário Pedro Ernesto e o estudo para os exames no INCA era bastante complicado. “Gostaria de poder focar mais nos estudos. Estou fazendo o possível fora das 60 horas semanais de dedicação ao meu programa”, disse. Seu esforço compensou: ele foi aprovado em primeiro lugar na primeira fase de seleção da residência do INCA.

Gabriel: concentração nos estudos resultou no primeiro lugar na seleção de residência do INCA



Foto: Carlos Leite

“Assim como na Clínica Médica, podemos pensar o doente como um todo. Além disso, é uma área com ensino bastante moderno e grandes investimentos em ciência e pesquisa”

MARIANA DO VALLE, residente do primeiro ano de Cirurgia Oncológica do INCA

A experiência em programas de residência mais amplos, como Cirurgia Geral e Clínica Médica, pode existir em residências médicas em cancerologia, mas não na residência multiprofissional. Nesses programas, que atendem graduados em Fisioterapia, Farmácia, Odontologia, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social, o ingresso pode se dar logo após a conclusão da faculdade. Foi o que aconteceu com Pamela Resende, aluna do segundo ano da residência multiprofissional em Fisioterapia do INCA. “Decidi pela área oncológica porque as faculdades não abordam muito esse assunto, e, no Brasil, há poucos profissionais especializados”, explicou. Pamela lembra que no último ano da graduação se organizou para dedicar duas horas diárias ao estudo para a seleção da residência.

Já para Mariana do Valle, residente do primeiro ano de Cirurgia Oncológica do INCA, o motivo para se especializar em cancerologia foi exatamente o oposto: “Sempre gostei da área e tivemos bastante contato com ela na faculdade.” Gabriel destacou a generalidade da Oncologia Clínica como sua motivação. “Assim como na Clínica Médica, podemos pensar o doente como um todo. Além disso, é uma área com ensino bastante moderno e grandes investimentos em ciência e pesquisa”, opinou. Razão parecida levou o farmacêutico Arthur Agrizzi a ingressar no programa multiprofissional do INCA. “O farmacêutico tem várias frentes de atuação na área, como acompanhamento farmacoterapêutico, farmacovigilância e participação em equipe de terapia nutricional”, detalhou.

Arthur teve que deixar a família em São Francisco de Itabapoana, no interior do Estado do Rio de Janeiro, para fazer a residência no INCA. O farmacêutico mora em alojamento oferecido pelo Instituto a seus residentes. Além de benefícios no lado profissional, como a troca de experiência com as diversas áreas do programa, Arthur destacou vantagens no aspecto

peçoal. “Os moradores do alojamento formam quase um tipo de família e se juntam para várias atividades de lazer, como ir a praia, cinema e shows. Isso faz com que diminua a saudade de casa”, contou. As instituições que têm programa de residência são obrigadas a oferecer alojamento para todos os alunos que solicitarem. O INCA conta com dois alojamentos, que somam 63 apartamentos que podem ser simples, duplos, triplos ou quádruplos.

Natural do Espírito Santo, Mariana também se mudou para o Rio, mas preferiu alugar um apartamento e dividi-lo com uma amiga. “O lado ruim do programa é que ele toma muito seu tempo. Não consigo, por exemplo, visitar minha família”, lamentou. Todos os programas de residência exigem 60 horas semanais para atividades teóricas e práticas. Na residência médica, fazem parte dessa carga dois plantões mensais de 12 horas que, dependendo da escala, podem cair em finais de semana ou feriados. Para os médicos não é cobrada dedicação exclusiva, exigência do programa multiprofissional. Dentro das 60 horas, 80% são para atividades práticas e 20% para atividades teóricas.



Arthur deixou o interior do Rio de Janeiro para estudar

Foto: José Antônio Campos

“Eles podem ter certeza de que terão uma excelente formação. Participar de um programa de residência é um bom investimento para a vida”

ANKE BERGMAN, chefe da Divisão de Ensino do INCA

Na residência médica, o conteúdo de cada programa é específico. Já para as demais áreas, há um eixo teórico transversal comum e um eixo específico para cada carreira. A maioria das atividades teóricas acontece por meio de debates que estimulam a participação dos estudantes. “Normalmente um residente apresenta um artigo científico ou discutimos algum estudo de caso”, contou Mariana. Participantes do programa de residência recebem bolsa mensal de R\$ 2.384,82, além de alimentação e alojamento, se solicitado. O valor é um dos pontos fracos apontados pelos alunos, principalmente os residentes médicos. “A carga horária é muito alta para o valor da bolsa. Apesar disso, o programa traz um crescimento técnico e emocional incrível”, ponderou Gabriel.

O lado emocional traz desafios ainda maiores quando os residentes precisam lidar com pacientes de uma doença tão estigmatizada quanto o câncer. “Tem sido bem mais difícil do que eu imaginava. A gente sabe do tabu, mas há questões do paciente que não sabemos até estarmos lá”, admitiu Pamela. Outra dificuldade destacada por quase todos os estudantes foi a complexa posição do residente, nem sempre bem compreendida pelos demais profissionais. De um lado, esses alunos são profissionais já graduados; por outro, são alunos ainda em formação. “Alguns não entenderam ainda o papel do residente. O consideram muitas vezes como mão de obra para a execução das atividades rotineiras e não como um estudante que está ali para aprender”, revelou Arthur.

Mas essa posição também traz benefícios, como avaliou Mariana. “O lado bom de ser residente, além da convivência com outras pessoas, é que somos profissionais que contamos sempre com alguém responsável pela gente. Temos ‘costas quentes’”, brincou a médica. O INCA conta hoje com 166 residentes na área médica e 75 de residência multiprofissional. Procurados pela revista REDE CÂNCER, os ministérios da Saúde e da Educação não souberam informar o número de vagas de residência oferecido na área de cancerologia no Brasil. Anke Bergman, chefe da Divisão de Ensino

do INCA, estimula todos os profissionais que estejam considerando ingressar em um programa de residência a tomar essa decisão. “Eles podem ter certeza de que terão uma excelente formação. Participar de um programa de residência é um bom investimento para a vida”, garantiu Anke. Um programa de residência dura normalmente de dois a três anos, podendo, opcionalmente, ser estendido por mais um ano. Pamela e Arthur estão terminando seus programas com planos de futuro semelhantes. A fisioterapeuta tenta se dedicar aos estudos com o objetivo de se preparar para concursos públicos, mas confessou que está sendo mais difícil do que no seu último ano de faculdade. “A residência toma muito nosso tempo. O Sistema Único de Saúde faz um investimento em nós, mas depois não oferece nenhuma forma de reingresso. Não há uma continuidade”, criticou. Já o farmacêutico incluiu em seus projetos a possibilidade de continuar investindo em atividades acadêmicas. “Vou tentar continuar a me aprimorar cursando um mestrado ou conseguir emprego em um lugar que me possibilite pôr em prática os conhecimentos adquiridos, com remuneração justa”, planejou . ■



O hotel dos residentes do INCA

Foto: Carlos Leite